



INTELECTUALIDADE INDÍGENA



(RE)PENSA
HUMANIDADE



INTELECTUALIDADE INDÍGENA

Pensar o conceito de **intelectualidade indígena** não se limita a refletir apenas sobre a produção intelectual de indígenas. Na verdade, por meio deste termo podemos caracterizar a epistemologia originária em diversas dimensões, para além dos parâmetros epistêmicos eurocêntricos. Em torno das reflexões sobre intelectualidade indígena, repensamos a educação e as instituições educacionais moldadas pela herança colonial.

Segundo esse modelo, a educação é imposta a quem aprende. Métodos, verdades e práticas são transmitidas de cima para baixo, invisibilizando outros saberes periféricos, como os indígenas. Ainda que o sistema educacional provoque diversas violações sobre as populações indígenas, seja na questão linguística, cultural, religiosa, é inegável que há uma notória presença indígena nas Universidades brasileiras.

Nesse sentido, a intelectualidade indígena é entendida não só restrita aos limites acadêmicos e científicos. É constituída por todos caminhos que existem entre a realidade indígena e a academia, tendo origem nos saberes, nos conhecimentos e na educação ancestral transmitida pelos mais velhos e pela sua comunidade. Intelectualidade indígena, então, conjuga os intelectuais que se formam na perspectiva científica, mas também ao intelectual comprometido com seu povo, seu território e suas lutas.

Daniel Munduruku em A escrita e a autoria fortalecendo a identidade¹ evidencia como a escrita, a literatura e a autoria indígenas têm fortalecido a identidade e a cultura desses povos. A dimensão básica da intelectualidade indígena tem a ver com as relações que esses povos mantêm com a natureza. Nesse sentido, a leitura tem a ver com os sinais da natureza. Daniel Munduruku relembra de seu avô ensinando-o a ler o alfabeto da natureza, porque

[...] para ser conhecedor dos mistérios do mundo, era preciso ouvir a voz carinhosa da mãe-terra, o suave murmúrio dos rios, a sabedoria antiga do irmão-fogo e a voz fofoqueira do vento, que trazia notícias de lugares distantes. (MUNDURUKU, Daniel).

Ler o mundo e seus enigmas, nesses olhares, é o que diferencia da leitura intrínseca à escrita, normal às pessoas urbanas. Como nos conta Daniel Munduruku, essa leitura e escrita própria dos originários relacionam-se com diversos universos: “dos espíritos, dos seres da floresta, dos encantados, das visagens visagentas, dos desencantados”.

Fato é, então, que a leitura de mundo dos povos originários não se relaciona com o letramento ocidental. Na verdade, como sabemos, a lógica ocidental, herdada da colonização, domina, mata e controla a natureza. E, portanto, mata também a escrita da natureza e seus universos possíveis. A razão dominadora ainda impõe seus métodos de leitura e escrita como parâmetros corretos a serem seguidos por todos.

Ailton Krenak,² ao analisar o antropoceno, delimita bem a lógica de dominação dessa humanidade. O antropoceno é um evento que colocou fim em mundos diversos, durante o ciclo das navegações, aniquilando vidas, identidades e, logo, seus conhecimentos tradicionais. Nesse processo deliberado de morte, foram aniquiladas também as formas da escrita originária.

As formas e tentativas de aniquilar a cultura originária não se restringiram apenas a um fato no passado. Daniel Munduruku chama atenção para discursos, instituições, grupos e sujeitos que ainda hoje mantêm imaginários que condicionam os originários aos “subseres humanos na prosopopéia linguística dos discursos etno-pedagógicos dos pariwat”³⁴.

A educação dos pariwat não tem o entendimento das necessidades e da questão educacional como os povos indígenas.

É vendida a ideia de que os indígenas devem dominar a escrita do pariwat e, muitas vezes, acabam por assimilar conceitos e teorias desconexas das epistemologias dos povos originários. Para Daniel Munduruku, forçar a escrita e a leitura da humanidade ocidental-urbana é uma “agressão ao sistema mental indígena”.

Nesse sentido, **Lynn Mario de Souza** em **Uma outra história, a escrita indígena no Brasil**,⁵ traz a dimensão da tradição oral e como essa cultura passa a ser escrita e transcrita dentro e nos moldes da literatura brasileira. A escrita indígena, como um conjunto de textos escritos por autores indígenas surge apenas nas duas últimas décadas, haja vista a **lei 11.645**⁶ de 2008, sendo um fenômeno recente e que ainda está em formação e crescimento.

Atualmente destacamos autores indígenas como Daniel Manduruku, Kaká Werá Jecupé, Ailton Krenak e Eliane Potiguara que produzem sobre a realidade, a cultura e a luta indígenas para a

população não-indígena sobretudo, e dentro dos códigos da literatura mundial. Krenak, por exemplo, chegou a ser considerado em 2020 o intelectual do ano⁷ pela União Brasileira de Escritores.

Pensar e entender a importância da transcrição das histórias e histórias indígenas numa perspectiva não-hegemônica é o que faz Lynn Mario e Souza. Por um lado, traz a voz de um lado explorado e colonizado, e torna-se de fundamental importância para auto afirmação desses grupos. Por outro lado, expõem os limites desse processo, pela tentativa de padronizar toda a produção de conteúdo de tradição oral com o letramento ocidental.

A narrativa oral quando interpretada possui técnicas e características próprias que não pertencem ao universo da escrita, há um certo encantamento, imitação de voz, variação de tons e performances corporais que expressam além das palavras faladas.

Há questões também sobre a autoria indígena, pois ao transmitir uma estória de forma oral ao longo das gerações, garante-se que as mesmas sejam lembradas, repassadas, alteradas e fixadas na raiz da comunidade. Essas narrativas muitas das vezes não possuem um único autor e sim pertencem a comunidade, com sua autoria sendo coletiva, dinâmica e viva.

Quando transcritas ou escritas, as narrativas indígenas correm o risco de serem padronizadas e homogeneizadas num tipo único de escrita e sem modificações, diferentemente de uma versão oralizada dentro das comunidades, com todas as suas performances e transformações que ocorrem ao narrar “mais uma vez”. Como Lynn Mario de Souza bem pontua, “isso acaba reduzindo a plenitude e complexidade da história indígena e das tradições orais numa mera estória”.

Esse movimento contrastivo e de tensionamento entre saberes tradicionais e científicos acaba por questionar o fazer científico no Brasil.

Como já falado acima, há, de uma forma, uma articulação entre os saberes herdados pela tradição indígena e o conhecimento acadêmico, que vem, como afirma **Luiz Henrique Eloy Amado**, "contribuindo efetivamente para resultados políticos, econômicos, jurídicos e sociais que levem em conta a cosmovisão das comunidades indígenas"⁸.

Como afirmado no início deste texto, aliamos-nos a esta compreensão de que o indígena intelectual não está adstrito aos muros da academia, pelo contrário, esta posição exige-lhe capacidade de transitar entre os mundos indígenas e não indígenas, entre os saberes científicos e tradicionais. Dessa relação decorre a ideia segundo a qual é justamente a educação indígena que o prepara para o manejo de distintos mundos, cada qual com valores e procedimentos epistemológicos próprios. (AMADO, Luiz Henrique Eloy).

Nessa perspectiva, a intelectualidade indígena transita entre mundos e não pode ser desconsiderada ou subalternizada em detrimento da produção acadêmica normativa. As produções acadêmicas indígenas são potentes justamente pelas autorias serem indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Luiz Henrique Eloy. Para além da Universidade: experiências e intelectualidades indígenas no Brasil. Institut des Amériques, 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ideas/9442>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

GIACOMO, Fred Di. Eleito intelectual do ano, Ailton Krenak ensina: “A vida não é útil”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/10/01/eleito-intelectual-do-ano-ailton-krenak-ensina-a-vida-nao-e-util.htm>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. A escrita e a autoria fortalecendo a identidade. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade>. Acesso em: 13 out. 2021.

SOUZA, Lynn Mário Trindade Menezes de. Uma outra história, a escrita indíggena no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Uma_outra_hist%C3%B3ria,_a_escrita_ind%C3%ADggena_no_Brasil>. Acesso em: 13 de out. 2021.

NOTAS

1 MUNDURUKU, Daniel. A escrita e a autoria fortalecendo a identidade. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade>. Acesso em: 13 out. 2021.

2 KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019.

3 Pariwat é uma palavra da etnia Munduruku para se referir aos não-indígenas.

4 MUNDURUKU, Daniel. A escrita e a autoria fortalecendo a identidade. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade>. Acesso em: 13 out. 2021.

5 SOUZA, Lynn Mário Trindade Menezes de. Uma outra história, a escrita indígena no Brasil. Disponível em:

<https://pib.socioambiental.org/pt/Uma_outra_hist%C3%B3ria,_a_escrita_ind%C3%ADgena_no_Brasil>.

Acesso em: 13 de out. 2021.

6 Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

7 GIACOMO, Fred Di. Eleito intelectual do ano, Ailton Krenak ensina: “A vida não é útil”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/10/01/eleito-intelectual-do-ano-ailton-krenak-ensina-a-vida-nao-e-util.htm>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

8 AMADO, Luiz Henrique Eloy. Para além da Universidade: experiências e intelectualidades indígenas no Brasil. Institut des Amériques, 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ideas/9442>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

CONNHEÇA OS AUTORES



**AILTON
KRENAK**

Filho do povo Indígena
Krenak, ambientalista
e escritor

**DANIEL
MANDURUKU**

Filho do povo
Indígena Munduruku,
escritor e professor



**LUIZ HENRIQUE
ELOY AMADO**

Filho do povo
Indígena Terenas e
advogado

**LYNN MÁRIO TRINDADE
MENEZES DE SOUZA**

Professor de Letras
da USP

